

**“HOMEM OU BICHO?”: PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO
NO ROMANCE *VIDAS SECAS* - A PERSONAGEM
FABIANO EM FOCO**

Bruna Elisa FRAZATTO

Bruna Fernanda ABREU

Lidiana Garcia GERALDO

Shellen Grace de Almeida da SILVA

Orientadora: Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva

Resumo: O principal objetivo desse artigo é o de analisar os processos de referenciação no capítulo II – Fabiano – do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Serão observadas as estratégias de construção e reconstrução de objetos de discurso no texto literário a fim de compreender como um determinado referente, considerado uma categoria social, é construído e (re)interpretado no processo de enunciação do romance. Procurou-se observar como essas estratégias são utilizadas para caracterizar e (re)categorizar a personagem Fabiano ao longo do capítulo, compreendendo o contexto social, linguístico e cultural em que a personagem está inserida como fator determinante de tais estratégias.

Palavras-chave: Linguística Textual, referenciação, recategorização social

1. INTRODUÇÃO

O estudo proposto tem por objetivo analisar os processos de referenciação no capítulo II – Fabiano - do livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Este livro (de 1938) relata a história de Fabiano e de sua família de retirantes nordestinos em meio aos problemas sociais em que vivem, tais como a seca, a fome, a miséria e a desigualdade social. Nesta obra, pretende-se focar a personagem Fabiano, que é caracterizada ora como homem, ora como bicho. O interesse por tal temática deu-se devido à observação dessa oscilação na caracterização da personagem no decorrer do capítulo. Por meio de termos e/ou expressões que fazem referência à personagem, o narrador questiona a própria condição humana de Fabiano, conduzindo-o ao questionamento de si mesmo enquanto homem.

Assim, pretende-se trabalhar com os processos de referenciação, isto é, a construção e reconstrução de objetos de discurso no texto literário. Busca-se analisar como um determinado referente (entidade), considerado uma categoria social, é especialmente construído e caracterizado pelo narrador no processo de enunciação.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A análise do presente trabalho será realizada a partir de pressupostos teóricos da Linguística Textual que, de acordo com Koch (2008a), considera o processamento textual em sua ocorrência *on line*, em todos os níveis. O objeto central é o texto enquanto processo, enquanto atividade sócio-cognitiva interacional de construção de sentidos (BENTES, 2001).

Nesse sentido, considerar que o processamento textual depende da interação entre sujeitos em uma prática sócio-comunicativa dada é considerar que o texto não pode existir fora de sua produção e recepção. E, de acordo com Bentes (*op. cit.*), considerar as condições de produção dos textos significa tratar o texto não como uma estrutura acabada (produto), mas como parte de atividades globais de comunicação (processo).

Dessa forma, deve-se ter em mente que o processo interacional depende de ações que os envolvidos realizam com outros sujeitos da própria interação, constituindo-se uma ação conjunta (KOCH, 2008c, p. 18). Ou seja, os sentidos são construídos conjuntamente, de forma colaborativa entre os sujeitos da interação. O texto seria, assim,

uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos falantes durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais (KOCH, 1997, *apud* BENTES, 2001, p. 269).

Uma das linhas de pesquisa da Linguística Textual é a que concerne à questão da referenciação, atividade pela qual se (re)constrói um objeto de discurso no curso da interação (KOCH, 2008a). Segundo a mesma autora (2006, p. 79), “a realidade é construída, mantida e alterada [...] pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com [o mundo]: interpretamos e construímos nossos mundos através da interação com o entorno físico, social e cultural”. Por isso, Marcuschi (2006, p. 13) diz que “a realidade não é um dado *a priori*, mas uma construção discursiva motivada”.

Nesse processo de categorização e recategorização de referentes não se pode deixar de tratar a questão da intencionalidade, pois é através dela que os emissores tentarão produzir textos com a finalidade de obter os efeitos desejados (KOCH & TRAVAGLIA, 1990, *apud* BENTES, 2001, p. 288). Com a intenção de querer dizer algo, o emissor lançará mão de alguns tipos de expressões referenciais e (re)categorizações para formar a imagem desejada do objeto que está sendo tratado e, além de descrever esse objeto, estará atribuindo determinadas características e propriedades a ele, a fim de obter o efeito desejado em seu interlocutor. Mas deve ser frisado que, algumas vezes, esses efeitos não são os que o emissor intenciona (cf. Vogt [1980], Koch e Travaglia [1990]).

Dessa forma, a análise realizada no presente estudo trabalha com dados literários, nos quais a (re)categorização se faz presente, seguindo a vertente de que os sentidos dos objetos (re)categorizados serão construídos como verdadeiros pelos interlocutores e de que “[...] a enunciação é sempre movida por uma intenção de atingir determinado objetivo ilocucional (KOCH, 2008c, p. 14)”.

3. ANÁLISE DO DADO LITERÁRIO

A obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, narra a história de Fabiano e sua família, retirantes do sertão nordestino. Ao longo da narrativa, é relatado o sofrimento da família devido à seca e ao descaso das autoridades governamentais. Assim, Graciliano Ramos procura apresentar a realidade nordestina e as condições de vida subumanas do sertanejo, a sua estreita relação com a paisagem agreste e árida do sertão e a sua passividade ante as autoridades latifundiárias e governamentais.

Além da análise social, o autor procura acentuar o aspecto psicológico de suas personagens, focalizando o drama de cada uma delas, o que confere dimensão universal à sua obra. Observa-se que Graciliano Ramos, ao narrar a história das personagens e estabelecer diálogos entre elas, utiliza uma linguagem precisa, com vocabulário selecionado e reduzido ao essencial.

A obra *Vidas Secas* é narrada em terceira pessoa, com narrador onisciente que revela os pensamentos, desejos e frustrações das personagens. Ao longo da narrativa os pensamentos destas e do narrador mesclam-se, tornando-se difícil a distinção das vozes. É necessário salientar que o autor utiliza o discurso indireto livre (quando há sobreposição entre as falas do narrador e da personagem), relacionando a precariedade social e educacional de suas personagens à incapacidade de se comunicarem satisfatoriamente. O capítulo selecionado para análise traz uma descrição detalhada da personagem incorporando diversos aspectos: os físicos, os psicológicos e os político-sociais.

É importante salientar que o contexto e/ou situação comunicativa tem papel relevante na construção e interpretação dos sentidos do texto (BENTES, 2001). Assim, os elementos linguísticos e o contexto situacional contribuem para a compreensão dos processos de recategorização social pressupostos na descrição da personagem Fabiano.

De acordo com Bentes (2001, p. 272),

admite-se que o texto pode ser incoerente em/para determinada situação comunicativa. Em outras palavras: “o texto será incoerente se o seu produtor não souber adequá-lo à situação, levando em conta intenção comunicativa, objetivos, destinatário, regras socioculturais, outros elementos da situação, uso dos recursos linguísticos, etc. Caso contrário, será coerente” (KOCH & TRAVAGLIA, 1990, p. 50).

Sendo assim, para a interpretação e construção dos sentidos de um texto e para a compreensão da obra *Vidas Secas*, deve-se considerar, de acordo com Bentes (2001), não apenas os limites do texto, mas, também, fatores linguísticos, cognitivos, socioculturais e interacionais.

A seguir, será analisado um excerto que mostra como se dá a progressão referencial relativa à personagem Fabiano, sendo que, nesse excerto, a voz do narrador e a de Fabiano encontram-se mescladas:

Excerto I:

“Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, esgaravato as unhas sujas. Tirou do aió um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar regalado.

- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente.

Corrigiu-a, murmurando: - Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldade (p. 18)”.

Primeiramente, Fabiano se refere a si mesmo como “um homem”, ativando o objeto-de-discurso, neste trecho, via discurso direto. Em seguida, através da voz do narrador onisciente, tem-se acesso ao pensamento do próprio Fabiano que repete o que havia dito, fazendo uma retomada através de outro objeto-de-discurso: “(...) ele não era homem: era apenas ‘um cabra ocupado em guardar coisas dos outros’”.

No trecho acima, é possível notar que a utilização de *um cabra ocupado* opera uma recategorização de *um homem*. Nesse momento, Fabiano se distancia da categoria de homem, caracterizada pelo período de descanso (fumar, beber, jogar etc.), e passa para a situação de subordinado do homem branco, latifundiário, governante. O “cabra” é este subordinado, que cuida das terras, dos animais e vive na pobreza e ignorância. Porém, o próprio Fabiano, ao analisar sua condição, se descobre “um bicho” devido à capacidade de vencer as dificuldades.

Segundo Koch (2004, p. 5), o uso de expressões nominais indefinidas não é tão recorrente nas retomadas dos referentes:

mesmo não sendo as expressões nominais introduzidas por artigo indefinido as mais comumente empregadas para a reativação de referentes já introduzidos na memória discursiva, elas podem, em certas circunstâncias, desempenhar tal função.

Assim, percebe-se que Fabiano se caracteriza, em primeiro lugar, como *homem* e, em seguida, como *cabra*. Por fim, vê-se novamente, em discurso direto, a personagem dizendo a si mesma que é um bicho. Todas essas expressões referenciais ocupam o lugar de predicativos nominais nos enunciados. Conforme postula Koch (2008, p. 112): “no caso dos predicativos (do sujeito e do objeto), quando representados por expressões nominais, a (re)categorização se opera no interior da predicação, isto é, no próprio fio do discurso”. Sendo assim, a construção da autoimagem de Fabiano é feita tanto por meio do acesso ao fluxo de consciência dessa personagem como também pela enunciação em discurso direto produzida pelo próprio Fabiano.

O próximo dado a ser analisado é um trecho que aparece logo após a reafirmação de Fabiano sobre sua condição como bicho:

Excerto II:

“Agora, Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou as quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. Ele, Sinhá Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados à terra (p. 19)”.

Nesse momento, o narrador fala sobre o fato de Fabiano se fundir aos elementos da natureza e, com sua família, estar “agarrado à terra”. Nessa passagem, o autor utiliza uma nova categorização (*vaqueiro*) e uma metáfora (*era como as catingueiras e baraúnas*) de forma a construir uma nova imagem para Fabiano: a de um homem “agarrado à terra”, tais como as árvores do sertão. Segundo Koch (2006, p. 95), “em grande número dos casos, a escolha da metáfora para a recategorização do referente é importante para realizar uma avaliação que permita estabelecer a orientação argumentativa do texto”. Nesse caso, o fato de Fabiano estar agora sendo construído discursivamente como um vegetal, o torna mais um elemento da paisagem do sertão.

Com esses recursos, o narrador tem a intenção de construir a imagem de Fabiano como um ser da natureza, ora bicho, ora planta, fazendo com que esta condição da personagem fique cada vez mais forte para o leitor, contrastando com a imagem de Fabiano como homem.

Segundo Bentes (2001, p. 289), a intencionalidade

[...] é construída linguisticamente [e] esta construção pode ser observada por meio das formas do dizer e não só pelos conteúdos expressos no texto. [...] Os arranjos das informações presentes no texto está condicionado pelas intenções de seu locutor e estas intenções são reguladas pelo contexto situacional mais amplo de produção do texto.

Assim, pode-se dizer que o modo como o narrador constrói a imagem do Fabiano como um ser da natureza faz com que essa imagem se intensifique, levando o leitor a ver Fabiano ora como um bicho, ora como uma planta e não como um homem. Além disso, o próprio Fabiano se questiona no decorrer do capítulo sobre sua condição de homem, tanto que, algumas vezes, a voz do narrador se confunde à de Fabiano.

Excerto III:

“Vivia longe dos homens, só se dava bem com os animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem, pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias (p. 19)”.

Excerto IV:

“Virou o rosto para fugir à curiosidade dos filhos, benzeu-se. Não queria morrer. Ainda tencionava correr o mundo, ver as terras, conhecer gente importante como o seu Tomás da Bolandeira. Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela, sentir-se com força para brigar com ela e vencê-la. Não queria morrer. Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem.

- Um homem, *Fabiano*.

Coçou o queixo cabeludo, parou, reacendeu o cigarro. Não, provavelmente não seria um homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia (p. 23)”.

Nos excertos acima, pode-se perceber que o autor utiliza predicções para qualificar o referente textual Fabiano. Estes recursos o equiparam a um animal ou a uma “coisa da fazenda”, como no trecho: *Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem. Um homem, Fabiano*. Percebe-se que a vida de Fabiano não pertence a ele mesmo, mas aos latifundiários. Fabiano, como um animal ou coisa, deve ser governado. Assim, esses trechos ajudam a mostrar como a imagem de Fabiano como bicho pode ser reforçada através da predicção, responsável por auxiliar o processo de (re)categorização do referente.

Observa-se que Fabiano, por ser um homem de origem humilde e sem instrução, é vítima de diversas explorações: é explorado pelo patrão branco e latifundiário, que lhe rouba dinheiro, e pela autoridade policial, que o espanca e prende sem motivo aparente. É este sentido que se pode considerar nas predicções do trecho: *Não, provavelmente não seria um homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia. (...)*. Nesse trecho, nota-se que a imagem construída do referente é feita a partir das ações da personagem Fabiano: ele se considera como “cabra”, mais uma propriedade, governada pelos brancos, se submetendo a eles de tal forma que não se constitui nem como homem nem como bicho, mas sim, como “cabra”.

Dessa forma, a personagem Fabiano representa o sertanejo pobre e nordestino, que, na sua simplicidade e falta de instrução, é roubado, condenado à extrema pobreza e ignorância. Representa os trabalhadores reais do sertão, da fazenda, que são excluídos, considerados como meros animais ou propriedade de seus empregadores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs a analisar o processo de referenciação e recategorização social através da reflexão sobre os dados literários expostos, com objetivo de observar como se constroem os objetos de discurso.

Foram analisados alguns trechos do capítulo II do livro *Vidas Secas*. Observou-se a maneira como é construída a recategorização social da personagem Fabiano, ora representado como um *homem*, ora como um *cabra*, ora como um *bicho*. Nos excertos analisados, nota-se que o processo de recategorização de Fabiano se dá através de associações da personagem com elementos da natureza e funções sociais: “agarrado à terra”, subordinado, marginalizado, excluído de certos privilégios.

Procurou-se salientar a importância do contexto no processo de interpretação do referido romance. Nesse caso, as recategorizações sociais atribuídas ao personagem Fabiano foram influenciadas diretamente pelo contexto situacional da narração, pois somente em um contexto de miséria e objetificação do ser humano a recategorização de um homem como um bicho poderia ser justificada e compreendida. Dessa forma, considerar os fatores socioculturais e linguísticos tornou-se imprescindível para uma melhor compreensão dos sentidos produzidos pelo romance.

Portanto, no estudo realizado, reiteram-se os aspectos com os quais a Linguística Textual se ocupa, tais como a construção dos sentidos por meio da linguagem e do conhecimento de mundo, através dos processos de referenciação e (re)categorização social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENTES, A. C. (2001). Linguística Textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Ed. Cortez, SP, p. 259-290.
- KOCH, I. V. (2004). “As expressões nominais indefinidas e a progressão referencial”. **Revista de Letras**, Vol. 1/2, n. 26, p. 5-8.
- KOCH, I. V. (2008a). As formas anafóricas na progressão textual. In: KOCH, I. V. **As tramas do texto**. Ed. Lucerna, RJ, p. 27-44.
- KOCH, I. V. (2008b). “Como se constroem os objetos de discurso?”. **Revista Investigações**. Vol. 21.2, p. 99-114.
- KOCH, I. V. (2006). **Desvendando os segredos do texto**. Ed. Cortez, SP.
- KOCH, I. V. (2008c). Princípios teórico-analíticos da Linguística Textual. In: KOCH, I. V. **As tramas do texto**. Ed. Lucerna, RJ, p.11-25.
- KOCH, I. V.; PENNA, M. A. (2008). “Construção/reconstrução de objetos-de-discurso: manutenção tópica e progressão textual”. **Cadernos de Estudos Linguísticos** (UNICAMP), v. 48, p. 115-124.
- KOCH, I. V.; PENNA, M. A. (2005). Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.) **Referenciação e discurso**. Ed. Contexto, SP, p. 53-101.
- RAMOS, G. (1995). **Vidas Secas**. Record, RJ, 69ª edição, p. 17-25.

ANEXO

Capítulo II – Fabiano

Fabiano curou no rasto a bicheira da novilha raposa. Levava no aió um frasco de creolina, e se houvesse achado o animal, teria feito o curativo ordinário. Não o encontrou, mas supôs distinguir as pisadas dele na areia, baixou-se, cruzou dois gravetos no chão e rezou. Se o bicho não estivesse morto, voltaria para o curral, que a oração era forte.

Cumprida a obrigação, Fabiano levantou-se com a consciência tranquila e marchou para casa. Chegou-se a beira do rio. A areia fofa cansava-o, mas ali, na lama seca, as alpercatas dele faziam chape-chape, os badalos dos chocalhos que lhe pesavam no ombro, pendurados em correias, batiam surdos. A cabeça inclinada, o espinhaço curvo, agitava os braços para a direita e para a esquerda. Esses movimentos eram inúteis, mas o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos. E os filhos já começavam a reproduzir o gesto hereditário.

Chape-chape. Os três pares de alpercatas batiam na lama rachada, seca e branca por cima, preta e mole por baixo. A lama da beira do rio, calcada pelas alpercatas, balançava.

A cachorra Baleia corria na frente, o focinho arregaçado, procurando na catinga a novilha raposa. Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se. Chegara naquele estado, com a família morrendo de fome, comendo raízes. Caíra no fim do pátio, debaixo de um juazeiro, depois tomara conta da casa deserta. Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos – e a lembrança dos sofrimentos passados esmorecera.

Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, as unhas sujas. Tirou do aió um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar regalado.

– Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

– Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades.

Chegara naquela situação medonha – e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha.

– Um bicho, Fabiano.

Era. Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã. Viera a trovoada. E, com ela, o fazendeiro, que o expulsara. Fabiano fizera-se desentendido e oferecera os seus préstimos, resmungando, coçando os cotovelos, sorrindo aflito. O jeito que tinha era ficar. E o patrão aceitara-o, entregara-lhe as marcas de ferro.

Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou as quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. Ele, Sinhá Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados à terra.

Chape-chape. As alpercatas batiam no chão rachado. O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco.

Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hóspede. Sim senhor, hóspede que demorava demais, tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite.

Deu estalos com os dedos. A cachorra Baleia, aos saltos, veio lambe-lhe as mãos grossas e cabeludas. Fabiano recebeu a carícia, enterneceu-se

– Você é um bicho, Baleia.

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a queimadura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. As vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.

Uma das crianças aproximou-se, perguntou-lhe qualquer coisa. Fabiano parou, franziu a testa, esperou de boca aberta a repetição da pergunta. Não percebendo o que o filho desejava, repreendeu-o. O menino estava ficando muito curioso, muito enxerido. Se continuasse assim, metido com o que não era da conta dele, como iria acabar? Repeliu-o, vexado:

– Esses capetas têm ideias...

Não completou o pensamento, mas achou que aquilo estava errado. Tentou recordar o seu tempo de infância, viu-se miúdo, enfezado, a camisinha encardida e rota acompanhando o pai no serviço do campo, interrogando-o de balde. Chamou os filhos, falou de coisas imediatas, procurou interessá-los. Bateu palmas

– Ecô! ecô!

A cachorra Baleia saiu correndo entre os alastrados e quipás, farejando a novilha raposa. Depois de alguns minutos voltou desanimada, triste, o rabo murcho. Fabiano consolou-a, afagou-a. Queria apenas dar um ensinamento aos meninos. Era bom eles saberem que deviam proceder assim.

A largou o passo, deixou a lama seca da beira do rio, chegou à ladeira que levava ao pátio. Ia inquieto, uma sombra no olho azulado. Era como se na sua vida houvesse aparecido um buraco. Necessitava falar com a mulher, afastar aquela perturbação, encher os cestos, dar pedaços de mandacaru ao gado. Felizmente a novilha estava curada com reza. Se morresse, não seria por culpa dele.

– Ecô! Ecô!

Baleia voou de novo entre as macambiras, inutilmente. As crianças divertiram-se, animaram-se, e o espírito de Fabiano se destoldou. Aquilo é que estava certo. Baleia não podia achar a novilha num banco de macambira, mas era conveniente que os meninos se acostumassem ao exercício fácil – bater palmas, expandir-se em gritaria, seguindo os movimentos do animal. A cachorra tornou a voltar, a língua pendurada, arquejando. Fabiano tomou a frente do grupo, satisfeito com a lição, pensando na égua que ia montar, uma égua que não fora ferrada nem levava sela. Haveria na catinga um barulho medonho.

Agora queria entender-se com Sinhá Vitória a respeito da educação dos pequenos. Certamente, ela não era culpada. Entregue aos arranjos da casa, regando os craveiros e as painelas de losna, descendo ao bebedouro com o pote vazio e regressando com o pote cheio, deixava os filhos soltos no barreiro, enlameados como porcos. E eles estavam perguntadores, insuportáveis. Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha.

– Está aí.

Se aprendesse qualquer coisa, necessitaria aprender mais, e nunca ficaria satisfeito.

Lembrou-se de seu Tomás da bolandeira. Dos homens do sertão o mais arrasado era seu Tomás da bolandeira. Por quê? Só se era porque lia demais. Ele, Fabiano, muitas vezes dissera: – “seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros.” Pois viera a seca, o pobre do velho, tão bom e tão lido, perdera tudo, andava por aí, mole. Talvez já tivesse dado o couro às varas, que pessoa como ele não podia aguentar verão puxado.

Certamente aquela sabedoria inspirava respeito. Quando seu Tomás da bolandeira passava, amarelo, sisudo, corcunda, montado num cavalo cego, pé aqui, pé acolá, Fabiano e outros semelhantes descobriam-se. E seu Tomás respondia tocando na beira do chapéu de palha, virava-se para um lado e para outro, abrindo muito as pernas calçadas em botas pretas com remendos vermelhos.

Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, o convencia-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo.

Seu Tomás da bolandeira falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. Esquisitice um homem remediado ser cortês. Até o povo censurava aquelas maneiras. Mas todos obedeciam a ele. Ah! Quem disse que não obedeciam?

Os outros brancos eram diferentes. O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, o Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida?

Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido quando menos esperasse. Ao ser contratado, receberia o cavalo de fábrica, perneiras, gibão, guarda-peito e sapatões de couro cru, mas ao sair largaria tudo ao vaqueiro que o substituisse.

Sinhá Vitória desejava possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Doidice. Não dizia nada para não contrariá-la, mas sabia que era doidice. Cambembes podiam ter luxo? E estavam ali de passagem. Qualquer dia o patrão os botaria fora, e eles ganhariam o mundo, sem rumo, nem teriam meio de conduzir os cacarecos. Viviam de trouxa arrumada, dormiriam bem debaixo de um pau.

Olhou a catinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo – anos bons misturados com anos ruins. A desgraça estava em caminho, talvez andasse perto. Nem valia a pena trabalhar. Ele marchando para casa, trepando a ladeira, espalhando seixos com as alpercatas – ela se avizinhandando a galope, com vontade de matá-lo.

Virou o rosto para fugir à curiosidade dos filhos, benzeu-se. Não queria morrer. Ainda tencionava correr mundo, ver terras, conhecer gente importante como seu Tomás da bolandeira. Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela, sentir-se com força para brigar com ela e vencê-la. Não queria morrer. Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem.

– Um homem, Fabiano.

Coçou o queixo cabeludo, parou, reacendeu o cigarro. Não, provavelmente, não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia.

Mas depois? Fabiano tinha a certeza de que não se acabaria tão cedo. Passara dias sem comer, apertando o cinturão, encolhendo o estômago. Viveria muitos anos, viveria um século. Mas se morresse de fome ou nas pontas de um touro, deixaria filhos robustos, que gerariam outros filhos. Tudo seco em redor. E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru.

Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatus. Se não calejassem, teriam o fim de seu Tomás da bolandeira. Coitado. Para que lhe servira tanto livro, tanto jornal? Morrera por causa do estômago doente e das pernas fracas.

Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito... Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? Não sabia. Seu Tomás da bolandeira é que devia ter lido isso. Livres daquele perigo, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos. Agora tinham obrigação de comportar-se como gente da laia deles.

Alcançou o pátio, enxergou a casa baixa e escura, de telhas pretas, deixou atrás os juazeiros, as pedras onde se jogavam cobras mortas, o carro de bois. As alpercatas dos pequenos batiam no chão branco e liso. A cachorra Baleia trotava arquejando, a boca aberta.

Àquela hora Sinhá Vitória devia estar na cozinha, acocorada junto à trempe, a saia de ramagens entalada entre as coxas, preparando a janta. Fabiano sentiu vontade de comer. Depois da comida, falaria com Sinhá Vitória a respeito da educação dos meninos.